

“T”: O USO DA TESTOSTERONA NA CONSTRUÇÃO DAS TRANSMASCULINDADES DE JOVENS DE SALVADOR¹

Maiara Diana Amaral Pereira (UFBA\BAHIA)²

Palavras chave: estudos de gênero, transmasculinidade, antropologia

Esse artigo é resultado da minha pesquisa monográfica intitulada *O uso da testosterona na construção das transmasculinidades de jovens de Salvador* defendida no Bacharelado de Antropologia do curso de Ciências Sociais da Universidade Federal da Bahia em 2017 e que teve a etnografia como entendido por Alinne Bonneti (2006) como seu método. Para a antropóloga a etnografia se torna importante para entender a relação de gênero, de acordo com um dado contexto e as diversas formas que essas relações podem ser vividas e resignificadas e por nos permitir a pensar a relação de poder entre pesquisadora e pesquisado.

A perspectiva etnografia abordada pela autora foi de suma importância para minha pesquisa, pois a partir do método etnográfico busquei perceber se durante a construção da transmasculinidade, através do uso da testosterona, há uma resignificação da masculinidade, ou, se mantém uma busca pela masculinidade hegemônica, e, se existem hierarquias de gênero no que diz respeito às transmasculinidades. Me permitindo também entender quais os “privilégios” e “impedimentos” que eu manteria como uma pesquisadora cisgênera³ com relação aos meus interlocutores transexuais.

Durante minha graduação eu fui bolsista com o projeto intitulado *Feminaria musical I:*

¹ Trabalho apresentado na 31 Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 09 e 12 de dezembro de 2018, Brasília\DF.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal da Bahia, com interesse em antropologia feminista, das mulheres e estudo de gênero.

³ Identidade de gênero referente às pessoas que se identificam com o gênero que lhes foi atribuído no nascimento.

O que (não) se produz sobre música e mulheres no banco digital de teses e dissertações (BDTD) das universidades federais brasileiras, posteriormente, fui monitora da disciplina *Antropologia de Gênero* e bolsista do projeto *Antropologia na Bahia*, que teve como finalidade resgatar a trajetória acadêmica e pessoal de Zahide Machado Neto, socióloga\antropóloga da Faculdade de Filosofia da UFBA pioneira nos estudos sobre mulheres e relação de trabalho na instituição.

Porém, foi em 2012, quando juntamente com Alexandro⁴, um amigo que fazia parte do meu círculo de convivência, cursei a disciplina *Antropologia de Gênero* e me interessei especificamente pelos estudos das identidades transgêneras. Isso se deu porque ao longo da disciplina ele passou a se identificar como homem trans - anteriormente, se identificava como mulher masculinizada lésbica, por não ter conhecimento sobre a discussão e vivência da identidade de homens trans - e eu acompanhei esse processo de “auto - descobrimento” dele.

O meu acesso ao campo foi realizado dessa maneira, e, posteriormente ao longo do meu caminho frequentei eventos e outros momentos como, por exemplo, *I Encontro de Homens Trans Do Norte e Nordeste – 2013*, realizado em João Pessoa, roda de conversas sobre transmasculinidade na semana da diversidade da UFBA, a ida na Defensoria Pública da Bahia e no Fórum das Famílias no bairro de Nazaré em Salvador por Breno.

Entretanto outros métodos foram aplicados: como entrevistas semi - estruturadas e conversas informais, além de etnografia virtual em redes sociais como *Facebook e youtube* e sites. Ao longo da minha monografia eu tive como informantes nove homens trans, sendo Breno, que conheci ao longo de 2014, aquele que viria ser o meu “padrinho” e principal colaborador, por ter me colocado em articulação com outros homens trans e que eu pude acompanhar de maneira mais íntima por ter se tornado um amigo próximo.

A transexualidade⁵ é quando não há uma concordância entre o sexo biológico e o gênero com que a pessoa se identifica e gostaria de ser reconhecida socialmente. Porém, é

⁴ Os nomes utilizados são fictícios, a escolha em usar nomes fictícios se deu pelo fato de que alguns não queriam o nome real na pesquisa.

⁵ O uso do termo transexualidade é justificado por causa das referências teóricas, entretanto, compreendo que os estudos das identidades trans buscam substituir esse termo pelo de transgênero.

importante compreender que não se pode conceituá-la a partir de uma visão médico – psiquiátrica, que tende a cristalizá-la e universalizá-la. No caso, essa pesquisa é referente a vivência trans que é a dos homens transgêneros, aqueles que foram designados no nascimento como mulheres, mas que se autoidentificam como homens, não se reconhecendo dessa maneira no gênero em que foram impostos ao nascer. Apreendo a transexualidade como uma categoria autoidentitária (AVILA, 2010) e relacional, por entender que os sujeitos possuem capacidade de construir novos agenciamentos para sua masculinidade, incluindo-se aí as transformações dos corpos.

A transexualidade⁶ é uma criação histórica que surgiu a partir de um discurso biomédico, policiando os corpos e os comportamentos das pessoas, dividindo-as entre anormais (os transexuais) e normais (o que chamo aqui de cisgêneros – pessoas que possuem concordância entre o sexo biológico e o gênero). Entretanto, existe uma luta contra o discurso patologizante e contra o determinismo da cirurgia nos órgãos sexuais.

A transgeneridade é uma categoria de identidade de gênero que enquadra pessoas que não estão dentro do padrão/norma dominante e que são deslegitimadas; por sua vez, a cisgeneridade é uma categoria que é naturalizada e não questionada. A utilização da cisgeneridade em oposição da transgeneridade tem origem na luta de ativistas trans que buscam questionar essa naturalização, apontando essa identidade como uma forma de experiência e não como uma norma. Além disso, ao se falar em cisgêneros, indivíduos que se identificam com o gênero correspondente com o sexo biológico, existe uma intencionalidade de mostrar os privilégios que essas pessoas possuem. Assim como a homossexualidade foi uma categoria criada pelo discurso biomédico com o intuito de estigmatizar indivíduos como desviantes, isso também aconteceu com a transexualidade, qualificando as pessoas trans com disforia de gênero, que seria um conflito entre o seu sexo biológico e sua identidade de gênero. (VIVIANE, 2012)

As fundamentações teóricas acima citadas e a minha vivência em campo serviram para que eu compreendesse a transexualidade como uma categoria identitária, onde os sujeitos possuem capacidade de construir novos sentidos para seus corpos, e, no caso

⁶ Anteriormente o termo usado pela medicina e afins era o de transexualismo o que designava uma doença e assim como o termo homossexualismo.

específico da minha pesquisa, para as suas masculinidades, sendo, dessa maneira, agentes ativos das suas histórias.

A “escolha” por estudar o hormônio testosterona e a identidade de gênero se deu porque além de ser o primeiro e mais recorrente meio biomédico de modificação corporal utilizado pelos homens trans, a “T” (uma maneira que eles nomeiam a testosterona) me proporcionou pensar a relação da hormonização com o processo de construção de um corpo que os satisfaçam, como também com suas masculinidades. Sendo assim, busquei compreender a relação da hormonização com a transmasculinidade, e, etnografar quais hormônios utilizam, o acesso que eles possuem, quantidades, os efeitos, o que eles esperam, o modo e o tempo de utilização da testosterona, assim como as dificuldades encontradas durante o processo de hormonização.

Entretanto a testosterona não é o único meio dos homens trans recorrerem à construção da sua transmasculinidade: podemos citar aqui outras formas utilizadas por eles, como o binder, que são como faixas, são feitos com tecido elástico e funcionam para esconder os seios (interessante notar aqui que os seios são denominados pelos homens trans como intrusos). Existe também as cirurgias tanto para retirada dos seios chamada mastectomia, como a cirurgia da retirada do útero (histerectomia) e dos ovários (ooforectomia), e a transgenitalização⁷, que no caso dos homens trans é a de construção do pênis.

É importante notar que o uso de hormônios é um agenciamento importante embora não determinante nas vivências trans, sendo que as experiências transexuais ultrapassam o uso de hormônio. No caso dos homens trans, há os que não fazem o uso da testosterona, mas no caso da minha pesquisa o uso apareceu com recorrência.

Durante a pesquisa, meus interlocutores apontaram o uso de três tipos de hormônios, com três marcas diferentes que servem para tratamento hormonal, para a reposição hormonal que consiste na tecnologia para corrigir a falta de hormônio. As testosteronas utilizadas por eles são: a durateston⁸, deposteron e a nibido, sendo que, segundo Antônio e Breno, a durateston é mais agressiva ao corpo, sendo o fígado bastante

⁷ Não usarei o termo mudança de sexo por existir um debate de que as pessoas trans não mudam de sexo com a cirurgia, a cirurgia não é definitiva na construção do sexo/gênero. E por causa da minha referência que foi um vídeo do youtube do canal transviado: https://www.youtube.com/watch?v=zM0pkL37_kI

⁸ A durateston é utilizada pelas pessoas cisgêneras que malham com o objetivo de proporcionar mais resistência física e massa muscular, podendo ser injetado com outros anabolizantes.

atingido, enquanto as outras duas são mais fracas. A nibido, como disse Antônio, é a melhor por parecer mais com os hormônios masculinos dos homens cisgêneros, e não é muito agressiva sendo tomada de 3 em 3 meses (essas informações que ele me deu são parecidas com as que encontrei no blog Brasil FTM).

No blog Brasil FTM são mencionadas as testosteronas nibido e durateston e, de acordo com o mesmo a nibido, não tem picos elevados de testosterona. Isso quer dizer que não há um nível alto de testosterona, logo que é injetada, ou um nível baixo, quando chega perto da data da próxima aplicação e que geralmente é aplicada em doses de 4ml e, portanto, é necessárias apenas quatro aplicações por ano, enquanto e a durateston, que é 250mg, é injetada em ampolas geralmente de 1ml, esse fator acabando por encarecer a Nibido. Com relação ao ciclo de aplicação da T, este varia de homem trans para homem trans, já ouvi alguns dizerem que tomam de 15 em 15, outros de mês em mês, outros de 21 a 21 dias.

Ao falar do uso de testosterona pelos homens trans como uma forma de construção de masculinidade, é preciso apontar as dificuldades que eles encontram para a compra e uso do hormônio. Não posso falar sobre o uso do hormônio masculino sem entrar na questão da patologização das identidades trans, das dificuldades de acesso e acompanhamento médico.

O Sistema Único de Saúde (SUS) patologiza as identidades trans ao exigir acompanhamento psicológico para diagnosticar disforia de gênero, antes de qualquer tipo de tratamento. A terapia compulsória e a necessidade do laudo são condições que o Estado impõe para as pessoas transgêneras acessarem a saúde pública, criando assim um sistema de normatização e controle dos corpos e dos processos de identidades de gênero dos homens trans, aspecto que foi discutido em uma roda de conversa sobre transmasculidade⁹ durante o meu campo. O que demonstra como o Estado, que é responsável por assegurar a vida dos indivíduos, é também permeado por discursos médicos que estigmatizam identidades transexuais, e, por consequência, estabelece as pessoas que devem e como devem acessar a saúde pública.

Donna Haraway (2009) ao falar em ciborgues, seres híbridos que se encontram na fronteira da mente x corpo, natural x cultural, e, que servem para reestruturar essas

⁹ Roda de conversa organizada pelo IBRAT (Instituto Brasileiro de Transmasculinidade) – BA no dia dez de maio de 2015 que era uma das programações do maio da diversidade da UFBA

dualidades fugindo de um apelo de estado original, da identificação com a natureza, explicada muitas vezes pela biologia. O ciborgue é, também, aquele que, ao ter consciência da sua opressão, começa a ter uma experiência vivida diferente da esperada. Ao construir esse seu argumento Haraway (2009) demonstra como a ciência e suas tecnologias servem para um grupo que é formado, em sua maioria, por homens brancos e que servem para afirmar opressões, já que a tecnologia não é neutra; e que por isso, os ciborgues devem se apropriar destas novas tecnologias com a finalidade de desfazer certos discursos opressores.

Então ao fazer uso de testosterona por conta própria, os homens trans, e aqui não desconsidero os riscos à saúde, pode ajudar na desconstrução da ideia de binaridade de gênero e de sexo como normatizador. O que pretendo é explicar como a biomedicina tende a controlar os corpos transexuais através do Código Internacional de Doenças (CID) e do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM), e, portanto, o uso do hormônio feito pelos homens trans seria uma maneira de romper paradigmas, principalmente se o acesso ao hormônio masculino e cirurgias acontecessem sem ser através de um laudo que os coloquem como disfóricos de gênero e tendo um acompanhamento médico responsável por intermédio de uma saúde pública.

A questão do uso da testosterona é um ponto que faz parte das pautas dos próprios homens trans, e, algo que eu me atentei ao longo da pesquisa, foi como a testosterona e suas alterações são entendidas pelos próprios homens trans na construção da identidade de gênero, qual o significado que eles fazem das mudanças corporais com a transmasculinidade e com o olhar do outro. Pude perceber, que, para alguns, além de uma necessidade pessoal, o hormônio, pode ser aplicado com o intuito de buscar um reconhecimento social, como Breno uma vez comentou: que se a sociedade o aceitasse como um homem sem ele precisar fazer mudanças no corpo dele, não usaria a “T”.

As mudanças físicas como, por exemplo, surgimento de barba, crescimento dos pelos, mudança na distribuição da gordura corporal, mudança na voz, força, libido como qualidades no processo de hormonização, e, e a relação dessas transformações com a visão do “outro” tanto na questão da segurança como do reconhecimento mostraram-se importantes nos discursos deles. Porém, as características socialmente definidas de uma masculinidade hegemônica como a agressividade, o alto desejo sexual e a força, e, que meus informantes apontaram como relacionadas ao uso do hormônio é que se tornaram a questão principal.

A masculinidade não é algo essencial, natural, dado, mas uma construção de gênero, em que se espera um estudo relacional, comparativo com a feminilidade, para que o estudo de gênero não caia em uma polarização. Entretanto, ao se falar desse caráter relacional, que define através de diferenças simbólicas quais os lugares do masculino e feminino contrastando-os, não se pode desconsiderar a arena do poder, já que é sabido a existência das assimetrias entre as masculinidades e feminilidades, que podem resultar em hierarquias.

Segundo Vale de Almeida (1996), existe um caráter móvel e contingente da relação entre masculinidade, homem, e poder que se torna perceptível através de etnografias que se atentam ao diálogo e conflito entre masculinidades hegemônicas e subordinadas ou à variabilidade individual das identidades masculinas, quer as alterações dessas num só indivíduo ao longo do ciclo da sua vida ou diferentes situações de interações, para o meu campo é interessante pensar esse caráter transitório da masculinidade, por ser a transmasculinidades sujeita a masculinidade hegemônica e perceber que entre as trans experiências masculinas existem diversas formas de se vivenciar as masculinidades.

A testosterona manifestou-se em um determinado momento como um marcador das assimetrias dentro do grupo das transmasculinidades ao mesmo tempo em que é uma etapa importante na construção da identidade de gênero de uma grande parte de homens trans. Em alguns eventos e na fala de alguns interlocutores apareceu que alguns homens trans que fazem uso do hormônio e possuem características masculinas menosprezam os não-binários (aqueles que não fazem o uso da “T”) e os tratam como mulheres masculinizadas, essa inferiorização do não binário através de características femininas me remeteu ao que Miguel Vale de Almeida (1996) colocou de como reprodução de uma masculinidade hegemônica em um determinado meio se constrói negativamente as qualidades femininas.

Vale de Almeida (1996) ao apontar a utilidade da distinção entre marcadores *diretos* e marcadores *contingentes* (condicionais). Os primeiros são marcadores fechados que não abrem espaço à segundas interpretações, assim como, símbolos categóricos de gênero como os pronomes “ele” e “ela”. Os segundos são marcadores não-exclusivos, ligados a outras ideias de forma probabilística, não determinada, abertos assim à interpretação. Por exemplo, a agressividade como atributo masculino pode também ser atribuído a fatores como: idade, saúde, personalidade etc. É por isso que essas linhas de investigação são necessárias nos estudos de masculinidade três prioridades: o estudo dos

processos de atribuição de gênero; as metáforas de gênero no poder; e as relações entre masculinidades dominantes e subordinadas.

Não negando as alterações biológicas e hormonais que são causadas nos corpos dos homens trans, procurei compreender qual o significado que os meus interlocutores faziam dessas alterações para a construção das suas identidades de gênero. E o que pude perceber, e que foi em um momento confirmado por Breno, é o fato de mudanças biológicas existem, mas que, por outro lado, é feita uma construção pessoal dessas mudanças. Segundo o mesmo, alguns homens trans podem justificar comportamentos padrão da masculinidade hegemônica com o uso da testosterona, e que no seu caso particular, apesar de algumas mudanças como libido e força, ele não apresentou quadro de agressividade.

A pesquisa sobre como a “T”, que é um meio biomédico, utilizado por pessoas trans, mesmo que de maneira autônoma¹⁰, pode servir para questionar e “quebrar” uma ideologia de gênero e sexo baseada na medicina e psiquiatria, que possuem discursos responsáveis pela patologização das identidades transgêneras, me fez perceber quais os limites de uma das dicotomias que serviram de base para o conhecimento antropológico¹¹: “natureza” x “cultura”, e, qual o lugar dessas identidades de gêneros para as redefinições de dualidades como : homem x mulher, indivíduo x cultura, corpo x alma.

Concluo, esse artigo, começando um novo argumento, será que o uso da testosterona pelos homens trans pode ser pensado a partir das concepções de rede, de Bruno Latour (1994), quando a “T” constrói uma multiplicidade de pontos de vistas, biomédico, político, subjetivo, demonstrando como a “coisa” em si em suas redes nos permite chegar a um entendimento da realidade; e, de Tim Ingold (2015), das coisas estarem vivas e produzirem relações ao longo dos seus movimentos, de como a testosterona se relaciona com os homens trans a partir de uma movimento de produção para mercado,

¹⁰ A luta para ter acesso a uma saúde pública que garante seus tratamentos é de suma importante para as pessoas transgêneras, geralmente suas modificações corporais são feitas sem acompanhamento médico o que prejudica a saúde deles.

¹¹ A dicotomia entre natureza e cultura e o dilema da conciliação entre unidade biológica e diversidade cultural é uma clássica oposição, valiosa para as teorias antropológicas. Desde de clássicos como Levi Strauss em *As estruturas elementares do parentesco* (1976) que buscou compreender o problema da passagem do estado natural, para o social, sendo o tabu do incesto a condição que demonstra essa transição; até, em produções mais recentes no caso de Eduardo Viveiro de Castro (1996) e o perspectivismo ameríndio

de um produto bioquímico fabricado para uma medicina binária para um produto bioquímico adquirida de maneira clandestina¹²que serve para a construção de um corpo e uma masculinidade transgressora.

Referências Bibliográfica:

ÁVILA, Simone; GROSSI, Miriam Pillar. "Maria, Maria João, João: reflexões sobre a transexperiência masculina". In: **FAZENDO GÊNERO 9: DIÁSPORAS, DIVERSIDADE, DESLOCAMENTOS**, 23 a 26 de agosto de 2010, Florianópolis.

BONETTI, Alline. Antropologia feminista: o que é esta antropologia adjetivada? **Anais: VII Seminário Fazendo Gênero**. Florianópolis, 28, 29 e 30 de 2006.

HARAWAY. Donna. **Antropologia do ciborgue**. 2. ed. Belo Horizonte, Autentica. 2009.

INGOLD, Tim. "Estar vivo: ensaio sobre movimento, conhecimento e descrição". Petrópolis: Vozes, 2015.

LATOUR, B. *Jamais fomos modernos*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **As estruturas elementares do parentesco**. Petrópolis: Vozes. 1976a.

VALE DE ALMEIDA, M. Na companhia dos homens. In: **Senhores de Si: uma interpretação antropológica da masculinidade**. Lisboa. 1995. Cap. VI pag.181 – 209.

VALE de ALMEIDA, M. **Gênero, masculinidade e poder: revendo o caso do sul de Portugal**. Anuário Antropológico. Lisboa, 1996.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. 1996. "Os Pronomes Cosmológicos e o **Perspectivismo Ameríndio**". *Mana*, 2(2):115-144.

¹² Clandestina porque como eles não tem acesso a saúde pública e atendimento endócrino, muitos acabam comprando por conta própria sem receita em farmácia, nas academias ou na mão de outras pessoas trans

VIVIANE, V. Pela descolonização das identidades trans. In: **Anais** do Congresso Internacional de Estudos sobre a Diversidade Sexual e de Gênero da ABEH. v. 1, n. 1. Salvador: UFBA, 2012.